

CRISTINA ROBALO CORDEIRO  
COORDENAÇÃO

# TOLOGIA

## FRANCOFONIAS EM DIÁLOGO

Dos anos 80  
à atualidade

iu

**ESCOLHER A SUA VIA.  
ZAMIATINE, A PRIMEIRA DISTOPIA<sup>1</sup>**

*Tzvetan Todorov*

Tzvetan Todorov, nascido em Sófia (Bulgária) em 1939, radicado em Paris desde 1963 até à sua morte em 2017; filósofo, crítico literário e historiador das ideias, foi um dos maiores representantes do estruturalismo. Autor de várias obras sobre a literatura e sobre a sociedade, recebeu vários prémios pelo conjunto da sua obra.

A tentativa, provavelmente a mais coerente, de um artista criador para resistir às consequências da Revolução de outubro, permanecendo em solo russo, é a do escritor Zamiatine (nascido em 1884). No momento da revolução de 1905, as simpatias de esquerda levam-no a juntar-se ao partido bolchevique. Será preso em 1908, depois exilado em 1911. Prossegue os seus estudos científicos (engenharia) e, simultaneamente, começa a escrever textos literários que publica a partir de 1913. Durante a guerra, deixa o partido bolchevique e abandona todo e qualquer comprometimento político; o governo envia-o a trabalhar num estaleiro naval em Inglaterra, país aliado, para vigiar a construção de barcos destinados à Rússia. Dirá mais tarde que sempre teve duas

---

<sup>1</sup> Tzvetan Todorov (2017). *Le triomphe de l'artiste*, Paris, : éditions Flammarion / Versilio, pp : 105-116

esposas, a literatura e a técnica. Ao tomar conhecimento da abdicação do Tzar, volta para Petrogrado, em setembro de 1917.

Aprovando as transformações trazidas pela Revolução de fevereiro, a sua reação à de outubro assemelha-se à de Gorki, com quem colabora. Publica curtos artigos num jornal dos socialistas revolucionários de esquerda, nos quais fustiga as medidas impostas pelos bolcheviques, que lhe parecem um regresso às práticas da polícia czarista: vigilância e perseguição são de novo reforçadas, é restabelecida a pena de morte, são suspensas a Constituição e as liberdades, e são ignorados os resultados do sufrágio universal. Os slogans proclamados servem para esconder as ações que os contradizem. “O governo dos comissários do povo está pronto, em nome dos operários e dos camponeses russos, a sacrificar tudo, nomeadamente os ditos operários e os camponeses russos”. A violência estende-se, os “massacres de operários pelas tropas soviéticas, a prisão de operários pela polícia soviética, o fechamento de jornais pela censura soviética”: como é possível que Blok veja aí uma “beleza que quebra os dentes”, imaginar que se trata de “educar a escrava teimosa”<sup>2</sup>? Para os artistas, a revolução pede a submissão, uma “arte por encomenda”.

Zamiatine não é contra a revolução em si; mas pensa que outubro parou a revolução em vez de a continuar. Os bolcheviques são contrarrevolucionários. “A realização, a queda terrestre, a vitória concreta da ideia, selam o seu aburguesamento. [...] A ‘revolução vitoriosa de outubro’ [...], uma vez vitoriosa, não escapou à regra: ela aburguesou-se”. O termo pelo qual escolhe designar a sua própria atitude é *heresia*. “São os hereges fazem viver o mundo[.]. O nosso símbolo de fé é a heresia”. Esta exigência é particularmente imperativa para os escritores. “Uma verdadeira literatura não pode existir senão onde é fabricada, não por funcionários conscienciosos e dignos de confiança, mas pelos loucos,

---

<sup>2</sup> (nota 64, no original) E. Zamiatine, “La révolte des capitalistes”, *Écrits oubliés*, Lausanne, L’âge d’homme, 1989, p. 156; “Des laquais”, *ibid.*, p. 154.

os anacoretas, os hereges, os sonhadores, os revoltados, os céticos”<sup>3</sup>. A ideologia comunista é assimilada neste texto a uma religião (um ‘novo catolicismo’). Por causa destes propósitos e outros da mesma índole, Zamiatine foi preso em 1919, mas logo libertado: o seu passado bolchevique ainda contava. Na sua deposição perante a Tcheka, declara-se sem partido, interessando-se daí em diante pela literatura, não pela política.

Longe de se tornar mais sensato, porém, de procurar adaptar-se à nova situação em que o poder dos bolcheviques parece destinado a durar (tal como fez Gorki), em 1920 Zamiatine começa a escrever um romance de antecipação intitulado *Nós* (em francês *Nous autres*), primeira distopia, ou utopia negativa, suscitada pelo despontar do Estado totalitário (a que Zamiatine chama no seu livro “o Estado único”). O manuscrito circula, lê-o em público, mas a censura proíbe a sua publicação. Em si mesmo, este gesto indica que os censores reconhecem as características da sua própria sociedade no universo imaginário descrito por Zamiatine (e tornam-se eles mesmos suspeitos!). Este reconhecimento imediato é tanto mais surpreendente quanto o leitor de hoje, se está familiarizado com o mundo soviético da altura do seu maior desenvolvimento, entre 1929 e 1953, encontra maiores semelhanças com este último período do que com o período dos anos vinte.

Situado num futuro longínquo, o romance conta a história de um engenheiro que construiu uma nave espacial, destinado à conquista de outros planetas; é também o autor da narrativa que lemos. Adere plenamente às leis da sociedade de que faz parte, mas um dia é seduzido pelo charme de uma mulher rebelde que prepara uma revolta geral. Depois de várias peripécias, o engenheiro trai a sua amante e confessa os seus erros; a mulher é então torturada e executada. Esta

---

<sup>3</sup> (nota 65, no original) E. Zamiatine, “Scythes?”, *Écrits oubliés*, Lausanne, L’âge d’homme, 1989, p. 150; E. Zamiatine, *Le Métier littéraire*, Lausanne, L’âge d’homme, 1990, “Demain”, p. 109 ; *ibid.*, “J’ai peur”, p. 117.

sociedade futura caracteriza-se, antes de mais, pelo lugar central que o “nós” ocupa em detrimento do “eu”, que dominava no “antigo mundo”; por esta razão, o amor por uma pessoa singular já não existe, foi substituído por uma *Lex sexualis* que postula o seguinte: “qualquer número [as pessoas já não têm nome] tem o direito de utilizar qualquer outro número para fins sexuais”<sup>4</sup>.

O Estado é dirigido por um homem a quem chamam o Benfeitor, ao mesmo tempo ideólogo e guia, a quem é prestado um culto digno de Deus, exercido nomeadamente pelos poetas oficiais; os que tomam a liberdade de o vilipendiar são punidos de morte. Em alguns aspetos, a personagem faz lembrar o Grande Inquisidor de Dostoiévski, em outros Lenine. No seu trabalho é ajudado por um corpo de Guardas, auxiliares eficazes. A população é vigiada e permanentemente colocada sob escuta, os cidadãos participam em eleições cujos resultados são previamente decididos e anunciados. Ao lado destas medidas de organização da sociedade, este mundo futuro distingue-se também pela metamorfose que sofrem as personagens no seu interior. Aderem à nova ordem com um entusiasmo que atinge o êxtase; estão dispostos a sacrificar os seus entes mais próximos, familiares ou amigos, em favor do Estado, considerando a delação como um dever moral. As opiniões pessoais apagam-se perante as decisões do Estado (sensivelmente na mesma altura, Trotski escrevia: “Nenhum de nós quer, nem pode, ter razão contra o seu partido”<sup>5</sup>).

Numa entrevista dada por Zamiatine a um jornal francês, logo à sua chegada a Paris, o escritor previne-nos contra a redução do seu livro a um simples panfleto político: “Este romance é um sinal de alerta contra um duplo perigo que ameaça a humanidade: o poder hipertrofiado das

---

<sup>4</sup> (nota 66, no original) E. Zamiatine, *Nous autres*, Gallimard, 1979, p. 33.

<sup>5</sup> (nota 67, no original) L. Trotski, *Novyj kurs*, Moscou, 1923, pp. 158-159, citado por Benedikt Sarnov, *Stalin i pisateli*, 4 vol., Moscou, Eksmo, 2008-2011, t.III, p. 303.

máquinas e o poder hipertrofiado do Estado<sup>6</sup>”. Acrescenta que, nos Estados Unidos, o romance foi interpretado, “não sem razão”, como uma crítica ao fordismo. No livro, este aspeto da nova sociedade é descrito sob o nome de taylorismo, do nome de Frederick Taylor, o inventor da “organização científica do trabalho” no final do século XIX. O nome de Taylor é venerado no mundo de *nós*. “Taylor era o mais genial de todos, ouve-se entre os pensadores do “antigo mundo”. O taylorismo era efetivamente venerado por Lenine e por Estaline, tal como pelos construtivistas e por Meyerhold, cujo “método biomecânico” é uma transposição da doutrina para o jogo do autor. No início, ela não se aplica senão ao mundo do trabalho. Os bons operários são assim descritos: “Gestos rápidos e ritmados, conforme o sistema de Taylor. Pareciam pistons de uma máquina enorme. [...] Máquinas perfeitas, semelhantes a homens, e homens perfeitos, semelhantes a máquinas”<sup>7</sup>.

Mas o sistema de Taylor é julgado insuficiente, o seu autor não compreendeu que podemos levar bem mais longe a organização do trabalho. “Não soube integrar no seu sistema as vinte e quatro horas do dia”. No mundo de *nós*, o taylorismo, isto é, a análise científica do comportamento humano em vista de uma melhor eficácia, estende-se a todas as facetas da existência. Os habitantes frequentam salas de exercícios de Taylor, aos quais estão habituados desde a infância. De resto, neste mundo, a educação das crianças não é deixada ao arbítrio dos pais, é antes assegurada por uma instituição do Estado. “Pois não é extraordinário que, praticando jardinagem, criação de aves, piscicultura, [as pessoas do antigo mundo] não tenham sabido elevar-se até ao último degrau desta escada: a puericultura?”<sup>8</sup> (Uma vez mais, o que Zamiatine ridiculiza é descrito por Trotski como uma

---

<sup>6</sup> (nota 68, no original) *Les Nouvelles littéraires*, avril 1932, citado por B. Sarnov, *Stalin i pisateli*, 4 vol., Moscou, Eksmo, 2008-2011, t.III, p. 366.

<sup>7</sup> (nota 69, no original) E. Zamiatine, *Nous autres*, Gallimard, 1979, pp. 43, 85-86.

<sup>8</sup> (nota 70, no original) E. Zamiatine, *Nous autres*, Gallimard, 1979, p. 43.

perspetiva realista, embora ainda longínqua: “A fastidiosa tarefa de alimentar e educar as crianças será tirada à família por iniciativa da sociedade. A mulher emergirá enfim da sua semiescravatura. Junto com a técnica, a pedagogia formará psicologicamente novas gerações e há de reger a opinião pública<sup>9</sup>”).

A própria música será submetida às “fórmulas de Taylor”; de forma ainda mais ambiciosa, apresenta-se aqui uma felicidade matemática, “rítmica, taylorizada”, em lugar das aspirações caóticas dos humanos à antiga. É nisso que o mundo de *nós* se opõe à sociedade antiga, com os seus indivíduos incompletamente previsíveis, presa dos desejos incontroláveis, levando uma vida onde o acaso ainda tem lugar, onde a natureza não mostrou ainda todos os seus segredos. Estes dois temas do livro encontram-se, a crítica das formas políticas avança a par com a dos modos de organizar qualquer vida social: pode-se ser privado de liberdade, tanto pela vontade do Estado como pelo determinismo social, a mecanização da vida pode tomar o lugar da polícia.

*Nous autres* não teve, por conseguinte, autorização de publicação; mas Zamiatine não muda, por isso, as suas convicções. E este romance não é a única expressão disso, como se pode constatar ao ler a peça de teatro intitulada *Les Feux de Saint Dominique* (escrita em 1919, mas representada em 1922). A estratégia que aí adota o autor é ligeiramente diferente: o presente em que vive já não é evocado através de um salto para o futuro, mas antes por meio da lembrança de uma página do passado. A peça conta cenas da Inquisição espanhola, com alusões transparentes às práticas soviéticas suas contemporâneas. Os Órgãos de repressão, constatando a não pertença de Zamiatine ao mundo soviético, propõem incluí-lo no famoso grupo de intelectuais, filósofos e teólogos que Lenine decidiu expulsar do país.

Zamiatine é preso, interrogado. No seu depoimento, não exprime qualquer lamento, abstém-se de condenar a emigração russa branca.

---

<sup>9</sup> (nota 71, no original) L. Trotski, *Littérature et révolution*, 10/18, 1974, p. 289.

Para ele, os intelectuais, “cérebro do país”, têm o dever de assinalar as insuficiências e os defeitos da sua sociedade. Os Órgãos julgam que Zamiatine deve ser exilado; entretanto, porém, vários dignatários bolcheviques intervêm em seu favor (um elogia as suas qualidades de escritor, outro as de engenheiro). Com pena sua, Zamiatine não será punido com uma expulsão, mas libertado ao fim de três semanas – e mantido sob estreita vigilância.

Em 1924, Zamiatine consegue publicar, sob o título “Literatura, revolução e entropia”, um texto programático. A tese, exposta após uma introdução tirada de *Nous autres*, retoma os textos de 1918: para o autor, tal como para a mulher rebelde no seu romance, existem no mundo duas forças, a entropia e a energia, a manutenção do equilíbrio e o movimento perpétuo, a inovação, a crítica – e também a revolução. É, portanto, a favor da revolução; o que critica de forma implícita na sociedade é que ela se tenha aburguesado, que se tenha tornado antirrevolucionária. O herege é de novo considerado como o melhor remédio contra o dogma, em todos os seus domínios: nas ciências, na religião, na vida social, na arte. “Os hereges são necessários à saúde; se não existem, é preciso inventá-los. [...] Os erros são mais caros do que a verdade<sup>10</sup>”.

Pode-se considerar que estes propósitos não fazem suficientemente justiça à mensagem transmitida em *Nous autres*. Em primeiro, é arriscado assimilar o revolucionário ao herege, mesmo se existem alguns traços em comum: um participa numa empresa coletiva, o outro segue um caminho individual; o primeiro adota meios violentos para realizar os seus projetos (exceto nas revoluções “de veludo”), mas não o segundo. De forma mais geral, o primeiro alimenta projetos, o segundo interpreta o mundo e produz dele representações. Os artistas e escritores estão atentos ao que ainda não existe senão em estado embrionário, que escapa ao conformismo envolvente, e procuram dar-lhe

---

<sup>10</sup> (nota 72, no original) E. Zamiatine, *Le Métier littéraire*, 1990, pp. 152-153.



expressão nas suas obras, mas esta sensibilidade não se confunde com a dos revolucionários que condenam o presente em nome de um futuro a construir. Por fim, colocar em realce o único movimento de crítica e de mudança, à maneira dos vanguardistas ou de Nietzsche, evocado neste contexto, não permite distinguir revolução de contrarrevolução. Caso contrário, por que razão seria preferível contestar a censura em vez de a impor? Por que razão o sufrágio universal seria preferível à confiscação pelos Soviéticos? Aderimos a certos valores por si mesmos, não porque introduzem uma mudança.

Ao longo dos anos seguintes, Zamiatine liga-se de amizade com Boulgakov, colabora com Meyerhold (para a adaptação de uma peça) e com Chostakovitch (para os libretos das suas óperas), mas sem que o seu nome surja destacado. Escreve também várias narrativas, entre elas a notável *L'Inondation* (1929). Longe de obedecer às regras codificadas pelo Estado, tal como em *Nous autres*, o comportamento das personagens é guiado aqui por valores de que têm consciência, no momento em que dizem respeito aos atos mais graves: dar a morte, dar a vida. No mesmo ano de 1929, começa na URSS uma violenta campanha, já antes evocada, contra os dois escritores Pilniak e Zamiatine, estigmatizados com a acusação de traidores e espões. O seu pecado: terem publicado as suas obras, inéditas na sua pátria, no estrangeiro, publicadas, portanto, em países “burgueses”; no caso de Zamiatine, trata-se de excertos de *Nous autres* na imprensa de emigração (em russo), e da tradução e publicação do romance em francês.

Zamiatine responde a estes ataques com uma longa carta ao governo soviético. Diferentemente de Pilniak, não se arrepende de nada e justifica as suas posições: o seu talento é de natureza crítica; sente-se incapaz de pintar “heróis positivos”; criticar exclusivamente o passado pré-comunista parece-lhe igualmente uma empresa acima das suas forças: seria adotar a ortodoxia daquele momento ou uma atitude servil, por isso prefere a posição de herege. Constatando a interdição de publicação, pede que o autorizem a partir para o estrangeiro “durante

um ano”; o seu pedido foi rejeitado. Dois anos mais tarde, porém, aconselhado por Gorki, entretanto regressado ao país e com quem guardou relações de amizade, reitera o seu pedido, desta vez sob a forma de carta a Estaline (tal como fez Boulgakov na mesma altura); lembra aí que o pedido semelhante feito por Pilniak recebera uma resposta favorável. Apesar disso, não promete, como este último, escrever obras autenticamente soviéticas. A intervenção de Gorki, que preferira que Zamiatine ficasse no país, é decisiva, e desta vez recebe a autorização; e em 1931 instala-se em Paris. Em nenhum momento Zamiatine terá cedido às pressões do poder comunista.

É singular a sua situação em relação à emigração russa. Tal como anunciara a Estaline, não teve qualquer atividade política: neste contexto, isso teria sido juntar-se à voz da maioria; ora ele prefere a posição de herege. Guarda o seu passaporte soviético, escreve, por vezes, aos jornais soviéticos (que o publicam), torna-se membro da União dos escritores soviéticos, faz também parte da delegação soviética no congresso antifascista de Paris, em 1935. Ao mesmo tempo, procura participar em projetos franceses, adapta, por exemplo, a peça de Gorki *Les Bas-fonds* para o filme de Jean-Renoir. Dá entrevistas, em termos mesurados, de preferência sobre temas literários. Lê o romance de Aldous Huxley, *Le meilleur des mondes*, realça as semelhanças múltiplas com *Nous autres*. Tudo se passa como se o contexto da sua vida em Paris o impedisse de seguir a sua vida russa: se criticasse o regime comunista, temeria tornar-se num conformista, reforçando a entropia; o seu conhecimento do mundo ocidental não é suficiente para lhe inspirar uma crítica centrada sobre ele. Sonhara com uma estada mais prolongada nos Estados Unidos, mas a doença levou-o em 1937.

Marina Tsvetaieva, que de igual modo se sente pouco à vontade na maior parte dos lugares da emigração, considera-se próxima dele. No dia do seu funeral, a que ela assiste com dois ou três outros conhecidos, escreve numa carta a uma amiga o seguinte epitáfio lacónico: “Lamento imenso, mas consola-me pensar que ele viveu o seu fim de

vida em paz de espírito e em liberdade. Encontrávamo-nos raramente, mas sempre bem; também ele, como eu, não era nem nosso nem vosso”<sup>11</sup>. Na última narrativa que publica ainda vivo, *Une rencontre* (1935), Zamiatine conta a história de dois homens que participam como figurantes na realização de um filme. Cada um tem aí o papel que tinham assumido na sua vida verdadeira, uma quinzena de anos antes: um era estudante revolucionário, o outro um coronel da guarda czarista. Dão-se conta que já se tinham encontrado naquela época distante: o coronel tinha posto o estudante na prisão; agora, teme a vingança da sua antiga vítima. Mas engana-se: se o estudante se aproxima dele, é para que possam, enquanto esperam o retomar das filmagens, jogar uma partida de xadrez. O confronto de outrora tornou-se num filme, os antigos inimigos podem jogar juntos.

TRADUÇÃO E NOTA INTRODUTÓRIA DE

**JOÃO DOMINGUES**

Universidade de Coimbra

---

<sup>11</sup> (nota 73, no original) A Vera Bounina, a 12 de março de 1937, SS, t.VII, p. 298.